

**TEXTO E PROTESTO: UM BRASIL EM VERSO**<sup>251</sup>

Talita Vieira Barros (UENF)

[tv.barros@yahoo.com.br](mailto:tv.barros@yahoo.com.br)

**RESUMO**

O presente trabalho analisa a elaboração de poemas com o intuito de manifestar a insatisfação social que tomou conta das ruas do Brasil em junho de 2013. Diversos poemas foram compilados na coletânea “Vinagre: Uma Antologia de Poetas Neobarraços” e lançados imediatamente no “Mar Virtual”. Essa escrita acompanha o calor do momento, sem qualquer preocupação com a maturação criativa, seguindo a lógica rede – rua – rede, mesma configuração dos protestos. Os poemas expõem não só a crise social, mas também uma escrita que se propõe hipertextual, com as conexões entre vários textos, ressignificando-os em uma série de colagens. Para tal análise, serão utilizadas as teorias de David Harvey sobre a pós-modernidade e de Linda Hutcheon sobre a poética deste período.

**Palavras-chave:** Pós-modernidade. Poética. Insatisfação social. Hipertextual.

**1. Considerações iniciais**

O presente artigo se baseia na avaliação dos protestos ocorridos em junho de 2013 em diversas cidades brasileiras, em que as ruas serviram de base criativa para os poetas que tiveram seus poemas compilados na coletânea “Vinagre – Uma Antologia de Poetas Neobarraços”.

Poetas-cidadãos que resolveram estar reunidos nas ruas a tantos outros brasileiros, colocando em versos as balas de borracha, a aparente falta de amor em São Paulo, as colagens de letras de músicas e referências políticas em clara contestação a questões de originalidade, como os poemas “*Opus Opera*” e “O grito do sangue tupiniquim”. Certa vez, João Cabral de Melo Neto (1998, p. 97-101) fez uma crítica à escrita de poetas modernos ensimesmados em questões particulares, afastando-se dos leitores em uma linguagem hermética e desvinculados dos meios de comunicação (no caso, o rádio).

Em 2013, no entanto, vimos poetas utilizando como matéria-prima questões cotidianas e prementes aos brasileiros, além de estarem ligados/ou mergulhados no mar da internet, podendo ter seus textos lidos por tantas pessoas.

A veiculação dessa antologia de poemas, “publicada” pelas edi-

---

<sup>251</sup> Uma versão deste trabalho foi apresentada na IX JNLFLP, em novembro de 2014.

ções V de Vândalos em formato PDF, aconteceu no início de julho de 2013, ou seja, no calor dos protestos, servindo como espelho para o que acontecia nas ruas de todo o país, como evidenciou o poeta, crítico literário e professor Eduardo Sterzi: “Um bom poema é no plano da linguagem o que uma manifestação é no plano da política. [...]. Todo poema tem um quê de quebra-quebra, todo poeta é um pouco “vândalo” (FREITAS, 2013).

Com isso, este trabalho tem o objetivo de apresentar, como mote para a fundamental contextualização dos protestos, as mudanças na passagem da modernidade à pós-modernidade que se mostraram em seus aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais, revelando a atual instabilidade do capitalismo e as construções identitárias multifacetadas. Para explicar este período histórico, serão utilizados os conceitos de “celebração do instante”, conforme conceituação de Castel (2010), e de formação da identidade em Bauman (1998).

O que se evidencia na coletânea é que a facilitação existente na pós-modernidade para o acesso à informação modifica o modo de leitura, como referencia Lévy (1996), mas também o modo de escrita/produção dos autores, que fazem as colagens textuais, reunindo lembranças a músicas, a frases políticas e a outros contextos históricos.

Estes estudos servirão de base para a contextualização do trabalho que vai analisar o papel da poesia durante os protestos, não ocupando um espaço privilegiado de compreensão de mundo, mas utilizando o seu caráter inventivo e de múltipla significação para estar ao rés do chão, propondo várias leituras e interpretações do país, com a utilização na paródia e de elementos políticos, como referencia Hutcheon (1991).

## **2. *A transição da modernidade à pós-modernidade: a permanência da incerteza***

Conforme sinaliza Harvey (2010), a incapacidade do fordismo para driblar as crises do capitalismo se mostrou evidente nas décadas de 1960 e 1970, revelando a necessidade de um modelo que exigia maior flexibilidade em detrimento da rigidez do mercado, dos investimentos de capital fixo de larga escala e dos contratos de trabalho.

A acumulação flexível [...] caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. (HARVEY, 2010, p. 140)

Ainda segundo Harvey (2010), a grande recessão do ano de 1973 colocou em marcha uma nova estruturação econômica e social. Por sua vez, Castel (2010) menciona os movimentos sociais surgidos na França de 1968, que já desejavam ultrapassar as questões relacionadas à seguridade social, a partir da busca da “celebração do instante”.

A palavra de ordem “mudar a vida” exprime a exigência de recuperar o exercício de uma soberania do indivíduo diluída nas ideologias do progresso, da rentabilidade e do culto das curvas de crescimento, pelo que, como diz uma inscrição nas paredes da Sorbonne, “ninguém se apaixona”. Através do hedonismo e da celebração do instante – “já, imediatamente” –, expressa-se também a recusa em entrar na lógica da satisfação diferida e da existência programada que implica o planejamento estatal da segurança: as proteções têm um preço; são pagas com a repressão dos desejos e com a aceitação do torpor de uma vida em que tudo está decidido antecipadamente. (CASTEL, 2010, p. 504).

Os movimentos sociais surgidos ao final da década de 1960 são apontados por Harvey (2010) como um marco para a pós-modernidade: “total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelairiano de modernidade”. (HARVEY, 2010, p. 49). Como referencia Bauman (1998), “o mundo pós-moderno está se preparando para a vida sob uma condição de incerteza que é permanente e irredutível”.

Neste mundo, os limites entre o que é pureza e o que é sujeira/estranho, padrões estabelecidos de tempos em tempos, como o próprio Bauman cita no livro “O mal-estar da pós-modernidade”, são reconfigurados sob outra ótica, adaptada a uma realidade em que as instâncias públicas são instáveis, diferentemente do projeto moderno em que a formação da identidade se fazia a partir da interface com o Estado, ou seja, o projeto individual tinha a prerrogativa de caminhar ao lado do projeto social.

A diferença essencial entre as modalidades socialmente produzidas de estranhos modernos e pós-modernos [...] é que, enquanto os estranhos modernos tinham a marca do gado da aniquilação, e serviam como marcas divisórias para a fronteira em progressão da ordem a ser constituída, os pós-modernos, alegre ou relutantemente, mas por consenso unânime ou por resignação, estão aqui para ficar. [...] Pode-se dizer: um novo consenso teórico e ideológico está emergindo para substituir um outro, que tem mais de um século. Se a esquerda e a direita, os progressistas e os reacionários do período moderno concordam em que a estranheza é anormal e lamentável, e em que a ordem do futuro, superior (porque homogênea), não teria espaço para os estranhos, os tempos pós-modernos estão marcados por uma concordância quase universal de que a diferença não é meramente inevitável, porém boa, preciosa, e precisando de proteção, de cultivo. (BAUMAN, 1998, p. 43 e 44).

Essa mesma conclusão é vista na concepção de Michel Foucault que “nos instrui a “desenvolver a ação, o pensamento e os desejos através da proliferação, da justaposição e da disjunção” e a “preferir o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os arranjos móveis aos sistemas”. (FOUCAULT *apud* HARVEY, 2010, p. 49), o que repercute também na linguagem:

[...] considera-se “pós-moderna” a incredulidade em relação aos metarrelatos. E, sem dúvida um efeito do progresso das ciências; mas este progresso, por sua vez, a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação corresponde sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia. A função narrativa perde seus atores (*functeurs*), os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. Ela dispersa em nuvens de elementos de linguagem narrativos, mas também denotativos, prescritivos, descritivos etc., cada um veiculando consigo validades pragmáticas *sui generis*. (LYOTARD, 1988, p. XVI).

O mundo está mergulhado em incertezas, que se refletem na própria formação identitária dos indivíduos, que vivem em processo de recriações, sobreposições, em uma “identidade palimpsesto” (BAUMAN, 1998, p. 36). Diante de todas essas incertezas, Bauman se refere a uma vivência totalmente nova, distante da concepção moderna de construção de uma identidade.

### **3. Protestos em rede: insatisfações compartilhadas**

Durante o mês de junho de 2013 aconteceram os protestos brasileiros que revelaram reivindicações da população do país e também o mero extravasamento de insatisfações contra a corrupção/a impunidade no país. Essas ações, por não terem uma pauta específica, ganharam múltiplas interpretações, que acabaram por gerar ora esperanças ora preocupações e se transformaram em sinal de alerta para parte da esquerda brasileira, a partir do momento em que manifestantes começaram a utilizar o slogan “o gigante acordou”, pautando-se por um nacionalismo exacerbado e tentando obscurecer bandeiras de partidos políticos.

O protesto que serviu como pólvora para todo o país foi o convocado pelo Movimento Passe Livre (MPL) e realizado em São Paulo contra o aumento de R\$ 0,20 nas tarifas do transporte público. O que poderia ser mais um protesto contra o aumento de passagem foi o início de uma onda que afetou todo o país, inclusive outros países, quando brasileiros residentes em outras nações resolveram também ir às ruas em apoio ao que ocorria em sua terra natal. A aparente banalidade da causa, que levou milhões de brasileiros às ruas, logo foi respondida: “Não é só pelos 20

centavos”, externando que motivos não faltavam para ocupar o espaço público.

As convocações foram feitas pelas redes sociais e não havia um grupo ou organização que liderasse esse clamor. As redes sociais foram ainda amplamente utilizadas pelos manifestantes para informar o que acontecia nos atos e não era veiculado na mídia tradicional, dando seu olhar acerca dos ataques policiais e afastando-se da ênfase aos atos de vandalismo (termo demasiadamente empregado e difundido nos programas jornalísticos televisivos e em jornais impressos de circulação nacional). E também na internet é que foi lançada a coletânea compartilhada em diversos sites que compila poesias sob o título “Vinagre – uma antologia dos poetas neobarracos”, escritas neste contexto de manifestações.

O deputado estadual Marcelo Freixo<sup>252</sup> (PSOL/RJ), ao se referir aos protestos ocorridos com maior intensidade em junho e mais dispersos em julho e agosto, afirmou que “nosso sistema cognitivo está em crise. Não dá para analisar os protestos que aconteceram recentemente com outros fatos históricos, como Diretas Já, Fora Collor, 1968”. Já o sociólogo espanhol Manuel Castells se refere aos protestos no Brasil como reveladores do sentimento de desrespeito que acomete os cidadãos. O sociólogo, ao analisar as manifestações vem acontecendo no mundo há alguns anos, mapeou um modelo comum em todos eles que denominou “multi-modal”:

Inclui redes sociais on-line e off-line, assim como redes preexistentes e outras formadas durante as ações do movimento. Formam-se redes dentro do movimento, com outros movimentos do mundo todo, com a blogsfera da internet, com a mídia e com a sociedade em geral. As tecnologias que possibilitam a constituição de redes são significativas por fornecer a plataforma para essa prática continuada e que tende a se expandir, evoluindo com a mudança de formato do movimento. (CASTELLS, 2013, p. 159 e 160)

Desse misto entre espaço urbano e cibernético, Castells (2013, p. 161) fala sobre a formação de “espaço da autonomia, que é a nova forma

---

<sup>252</sup> Depoimento colhido no debate realizado no dia 30 de julho de 2013, logo após a exibição do filme “Hannah Arendt”, com o antropólogo, escritor e especialista em segurança pública Luiz Eduardo Soares, e o deputado estadual Marcelo Freixo. Com mediação da professora Ivana Bentes, a mesa teve como tema “Brasil hoje: A atualidade da banalidade do mal”. O debate aconteceu na Estação Rio 2, em Botafogo, zona sul do Rio, e foi transmitido ao vivo pelo site postv.org. Trechos do debate estão disponíveis no Youtube, nos seguintes links: <http://www.youtube.com/watch?v=QcYJC3U2sq4>, <http://www.youtube.com/watch?v=48eQHYKwPy0>, <http://www.youtube.com/watch?v=iqUdYIZQocE>, <http://www.youtube.com/watch?v=PLHagR2R3Oc>. Acessado em agosto de 2013.

espacial dos movimentos sociais em rede”. Muito além de descrever os movimentos, Castells mapeia novas relações sociais formadas a partir das redes.

Relações de companheirismo e não comunidade, haja vista que o que está em jogo é uma série de valores comuns, que passam a ser enxergados no momento do movimento, já que cada cidadão ingressa com seu repertório próprio de objetivos e motivações. “O que esses movimentos sociais em rede estão propondo em sua prática é uma nova utopia no cerne da cultura da sociedade em rede: a utopia da autonomia do sujeito em relação às instituições da sociedade”. (CASTELLS, 2013, p. 166)

Ainda segundo o autor, a internet foi criada sem um centro de comando. É descentralizada em sua concepção. Qualquer indivíduo pode interagir, sendo sujeito de seus próprios projetos e sem se pautar por programas institucionalizantes. Isso se reflete na falta de lideranças dos protestos mundiais, incluindo as manifestações brasileiras. Esse novo modo de interação acarreta ainda outras modificações. “Há uma íntima conexão entre as redes virtuais e as redes da vida em geral. O mundo real em nossa época é um mundo híbrido, não um mundo virtual nem um mundo segregado que separaria a conexão on-line da interação off-line”. (CASTELLS, 2013, p. 169)

No Brasil, os protestos trouxeram à tona insatisfações desta sociedade fragmentária, em mutação, que vão do aumento de R\$ 0,20 na passagem dos ônibus até os problemas com a impunidade dos políticos corruptos, resvalando em uma série de outras reivindicações, como se constata em diversos poemas da coletânea: críticas aos políticos, aos investimentos na Copa das Confederações, à mídia tradicional e à ação da polícia.

Passe livre. Porque a mobilidade é um direito universal, e a imobilidade estrutural das metrópoles brasileiras é resultado de um modelo caótico de crescimento urbano produzido pela especulação imobiliária e pela corrupção municipal. E com um transporte a serviço da indústria do automóvel, cujas vendas o governo subsidia. Tempo de vida roubado e pelo qual, além de tudo, deve-se pagar. (CASTELLS, 2013, p. 178)

Para o professor, poeta e ensaísta Alberto Pucheu, que assina o prólogo da antologia, o grito das ruas sinaliza um pedido de respeito.

O que se quer, parece, é mais mobilidade, mais folga, mais espaço, mais intervalo, mais respiração, mais lazer, mais saúde, mais cultura, mais educação, mais, mais, mais, mais... para ficar com o simbólico, o que se quer parece ser uma movimentação de vida mais bem resolvida, que favoreça os cidadãos

em uma vida mais tranquila. se os portugueses têm gritado “queremos nossas vidas de volta”, talvez o grito, ainda ilegível, daqui seja “queremos nossas vidas”, já que, no sentido das melhoras da qualidade de vida planejadas pelo governo, muitos aqui só a poderiam ter pela primeira vez.

Por fim, essa análise de Pucheu reforça a ideia de Bauman no que tange o conceito de consumidores falhos, mantidos a partir de uma política de exclusão, repressora do processo de construção da identidade de um grupo oprimido que experimenta o mundo como armadilha. Segundo Bauman (1998), não é apenas o direito à renda, à melhoria da expectativa de vida, mas o direito à individualidade que tem se polarizado com maior intensidade. Desse massacre cotidiano é que acontece a burla proporcionada pelo humor dos protestos e pela poesia dos poetas neobarracos.

#### **4. Resistência e poesia: dos dias em que as ruas do Brasil foram tomadas pelos cidadãos**

Ao falar sobre “Literatura e Vida Social”, o crítico Antonio Candido (1985, p. 21) chama a atenção para os aspectos sociológicos da obra de arte, conceituada como “um sistema simbólico de comunicação inter-humana”. Pensando nas técnicas de comunicação da contemporaneidade, conforme ressalta Lyra (2008), algumas formas artísticas se aproveitaram, ao longo do século XX, da profusão dos meios de comunicação de massa e que,

Sem maior compromisso com a tradição ou um projeto cultural e colocando seus produtos ao nível intelectual das massas, oferecem basicamente a emoção, o prazer ao seu público: a música, no rádio; a narrativa, no cinema; e ambas na tevê e hoje na Net.

A poesia pôde garantir seu espaço na internet, que permite a livre circulação dos textos, podendo alcançar vários grupos/pessoas, principalmente os jovens. Neste ambiente, já amplamente utilizado para a divulgação do gênero literário, é que o arquivo “Vinagre – antologia de poetas neobarracos” foi disponibilizado.

O telefone os condenara ao abandono da escritura, até de cartas e bilhetes – era tudo pelo DDD; o cinema, a televisão, o videocassete e o DVD, ao da leitura, até de romances – era só assistir. Abrindo a era do *blog*, do *e-mail*, do *messenger*, do hipertexto, dos *sites*, dos *chats*, do *fotolog*, das *homepages* e das comunidades virtuais, ela restaurou para a juventude o prazer de escrever e de ler. Com uma prática nova: a escritura/leitura interativa. E com esta coisa visceral a tantas atividades, não apenas à poesia: uma linguagem própria, transbordante de afetividade e de graça. E, mais importante ainda: de liberdade, na manifestação de pensamentos e sentimentos. (LYRA, 2008, p.?).

A pós-modernidade também compreende diversas mudanças que se dão nas concepções acerca do estudo histórico e no âmbito da linguagem, implicando em colagens, sobreposições de fatos históricos, e na quebra da linearidade discursiva, o que representa a maior valorização da interpretação do leitor, abrindo espaço para a estética da recepção.

O efeito é quebrar (desconstruir) o poder do autor de impor significados ou oferecer uma narrativa contínua. Cada elemento citado, diz Derrida, “quebra a continuidade ou linearidade do discurso e leva necessariamente a uma dupla leitura: a do fragmento percebido com relação ao seu texto de origem; a do fragmento incorporado a um novo todo, a uma totalidade distinta”. A continuidade só é dada no “vestígio” do fragmento em sua passagem entre a produção e o consumo. O efeito disso é o questionamento de todas as ilusões de sistemas fixos de representação. (FOSTER, *apud* HARVEY, 2010, p. 55).

Segundo Lévy (1996), a informatização também exerce influência na fragmentação da leitura, haja vista que, segundo o autor, as relações hipertextuais no suporte digital são mais rápidas que em períodos anteriores à informática, implicando na desterritorialização do texto.

No ciberespaço, como qualquer ponto é diretamente acessável a partir de qualquer outro, será cada vez maior a tendência a substituir as cópias de documentos por ligações hipertextuais: no limite, basta que o texto exista fisicamente uma única vez na memória de um computador conectado à rede para que ele faça parte, graças a um conjunto de vínculos, de milhares ou mesmo de milhões de percursos ou de estruturas semânticas diferentes. A partir das *home pages* e dos hiperdocumentos on line, pode-se seguir os fios de diversos universos subjetivos. (LÉVY, 1996, p. 48).

Com a facilitação para a veiculação de textos e imagens via internet, a construção de significados na sociedade se diluiu em rede, por meio da qual se estabelece um novo processo de ressignificação dos signos. Indo além, na reflexão da linguagem em um contexto permeado por novas tecnologias da informação, Lyotard (1988, p. 4) declara:

[...] hoje em dia já se sabe como, normalizando, miniaturizando e comercializando os aparelhos modificam-se as operações de aquisição, classificação, acesso e exploração dos conhecimentos. É razoável pensar que a multiplicação de máquinas informacionais afeta e afetará a circulação dos conhecimentos, do mesmo modo que o desenvolvimento dos meios de circulação dos homens (transportes), dos sons e, em seguida, das imagens (media) o fez.

No que tange a estrutura social dos protestos brasileiros, os poemas foram inspirados nas ruas, ganhando diversas conotações, marcadas nas formas e nos conteúdos apresentados. Alguns dos 81 poemas<sup>253</sup> (sen-

---

<sup>253</sup> Este número corresponde à primeira edição da coletânea lançada na internet no dia 17 de junho de 2013, com a capa ilustrada pela arte do grafiteiro britânico Banksy em que um homem atira flores



do quatro criações icônicas) trazem formatos muito peculiares. Dois deles são destacados para a análise: “Opus Opera” e “bOMBADEEFETO”.

O primeiro é escrito como se fosse uma ópera. Dividido em dez atos, o poema realoca o clássico. Não se assiste a uma ópera; a ópera está na rua, reconfigurando-se em meio ao caos das insatisfações sociais. No conteúdo, temas diversos que vão a críticas ao governo de São Paulo até ao samba dos Novos Baianos. O poema é iconoclasta ao driblar qualquer fronteira que possa ainda existir entre as concepções do clássico e do popular<sup>254</sup>.

#### OPUS OPERA

Opusilânime  
O governador é membro  
da Opus Dei Cacetada,  
Opus Dei Spray de Pimenta,  
Opus Dei Tiro de Borracha e da  
Opus Dei Bomba de Gás Lacrimogêneo.  
Depois de seu impeachment  
ele poderia fundar  
a Opus Dei Motivo,  
Opus Dei chilique,  
Opus Dei Mole,  
ou Opus Dei Azar.  
De todo modo, você já  
Opus Deu, Chuchu.

OpuSalmo  
É Opus Dando que se recebe

OpuSamba  
chegou a hora dessa gente  
diferenciada  
vândala e  
cheiradora de vinagre  
mostrar seu valor

---

ao invés de uma bomba incendiária. Quatro dias depois, foi lançada, também na internet, a segunda edição, ampliada, com capa ilustrada pelo brasileiro Diego de Sousa, totalizando 157 poemas (e poetas).

<sup>254</sup> “O importante do debate contemporâneo sobre as margens e as fronteiras das convenções sociais e artísticas [...] é também o resultado de uma transgressão tipicamente pós-moderna em relação aos limites aceitos de antemão: os limites de determinadas artes, dos gêneros ou da arte em si”. (HUTCHEON, 1991, p. 26)

Opusalada  
a pergunta que não quer calar:  
voce é Pimenta ou Vinagre?

Opus Day

Se hay gobierno, soy... Impeachment!  
Já deu, picolé de chuchu.

OpuScience  
agora é a PP “polícia pacífica”  
contra o VVV “violentos vândalos de vinagre”  
PP x VVV  
de que lado voce samba?

Opu S. O. S.  
EXISTE PAVOR EM SP

Opus Ó pus  
Geraldo Alckmin:  
pergunta aí como se diz impeachment em Francês.  
Haddad:  
largar o camembert e pega o avião! Aqui tá Russo, Mano.

Opuscúlo  
Será que agora a mídia vai dar a cara a tapa?  
Olho por olho de jornalista:  
quem é vândalo, os manifestantes ou a polícia?

\*

OpusCopa  
A Copa das Como fedem as ações

O segundo mostra os efeitos das bombas e gases de efeito moral, utilizados pela polícia. Alguns versos se iniciam com letra minúscula e as letras seguintes são colocadas em caixa alta, gritando as perversões da repressão. A sequência de pontos pode ser interpretada como a marca dos lançamentos desses aparatos repressivos.

bOMBADEEFEITO  
bOMBADEGÁS  
bALADEBORRACHA

Zum Zois Zrês  
.....  
gora nos zóio  
quero vê sua mira

ZOOOOOOOOOOOM

mais fácil que esculachá vadia

.....  
pUTA mERDA!

Outro aspecto colocado em evidência na coletânea é a questão da originalidade. Há poemas que utilizam versos de poemas já conhecidos em um cenário nacional sem qualquer marca gráfica. No caso estudado abaixo, o poema evoca textos que fazem parte do imaginário social brasileiro no que diz respeito à história do país e à construção de uma identidade nacional.

O poema começa com o verso de Castro Alves “auriverde pendão da minha terra”, passa para o trecho da carta de Pero Vaz de Caminha “em que se plantando tudo dá”, utiliza passagens do hino nacional “berço esplêndido”, “patriamadabrasil”, não esquecendo o verso “não permita Deus que eu morra”, de Gonçalves Dias, poeta fundamental para a construção da identidade nacional, dentro da perspectiva do romantismo.

#### PRETO NO BRANCO

auriverde pendão da minha terra  
em que se plantando tudo dá:  
palmeira banana sabiá.  
ó país do futuro do passado  
em berço esplêndido há séculos deitado  
não permita Deus que eu morra  
de fome sede pancada  
se tudo abunda tudo dá:  
mata bola bunda...  
a nossa é mesmo mais bonita  
ou apenas mais barata?  
ah os olhos verdes da mulata!  
mata, mata, mata  
o preto velho  
o filho pardo  
o índio coitado  
a puta-que-te-pariu:

mas por quem serás amada  
patriamadabrasil?

Há aqueles que inserem letras de música, com a utilização de aspas e letras em negrito, como se quisesse que o leitor saltasse para outras leituras e referências, transformando o verso em um hipertexto, já que a coletânea foi lançada na internet e o Google, site de busca, está ao alcance rápido, logo ali, em outra janela ou aba.

O GRITO DO SANGUE TUPINIQUIM

Águas de maio de 68 nosso sangue  
Barricadas e Bastilha nosso sangue  
DNA de Guevara e Cohn-Bendict \_  
Nosso sangue \_ DNA de Graciliano,

Pagu, Oswald. Sangue Tupiniquim  
Sangue dos meninos mortos pelo AI-5  
Marcha ao ritmo de “Grândola Vila Morena”

Desliza ao som de “A las barricadas”  
“*Há de ser outro dia*”  
“*Caminhando contra o vento,  
sem lenço, sem documento*”  
E este vinagre nas mãos é tão inofensivo...  
O sangue dentro \_ este é o estopim e o grito \_  
Este ninguém tira de nós, ninguém tira de mim...

E há ainda o que recorre à paródia do poema “Inspiração”, de Mário de Andrade.

TRANSPIRAÇÃO

São Paulo! comichão nas minhas veias...  
Os meus amores são flores feitas de cartolina!...  
Oh, Colombina!... Traje de caos... Cinza e cinzas...  
Pipoco e gás... Murro e rancor requentados...  
Deselegâncias gritadas, sem pudores...  
Perfumes de Vinagre... Castelo!  
Bofetadas cínicas no Trianon... Ditatorial!  
São Paulo! concussão em minha virilha...

Inconformismo a berrar nos turbilhões da América!

De modo geral, poemas revertem a significação das palavras. Isso é visto nos poemas mencionados anteriormente e também na própria estruturação da coletânea, que segue os padrões de um livro, com capa, ficha catalográfica, prólogo, apresentação da obra, epígrafe e simulação de uma editora (Edições V de Vândalos), em uma clara paródia. As transgressões não param por aí.

Os poetas são comparados a vândalos e a antologia enaltece o vinagre, utilizado nas manifestações para bloquear os efeitos das bombas de gás lacrimogêneo. Sobre esses aspectos é possível afirmar que “em certo sentido, a paródia é uma forma pós-moderna perfeita, pois, paradoxalmente, incorpora e desafia aquilo a que parodia. Ela também obriga a uma reconsideração da ideia de origem ou originalidade”. (HUTCHEON,

1988, p. 28)

Além disso, Hutcheon chama a atenção para o fato de os artistas pós-modernos romperem com as concepções totalizantes e homogeneizantes do modernismo, enxergando a ruptura como um “desafio libertador que vai contra uma definição de subjetividade e criatividade que ignorou durante um período demasiadamente longo a função da história nas artes e no pensamento”. (1988, p. 29)

Com isso, vemos alguns valores e ideologias contestados, em uma clara demonstração das insatisfações, e o desejo de que haja uma nova configuração social. Nas palavras de Castells (2013, p. 176) sobre os movimentos sociais, “há momentos de liberação, em que todos esvaziam sua sacola de frustrações e abrem a caixa mágica de seus sonhos”. E este é o momento para os poetas extravasarem a criatividade, escrevendo não mais na quietude, porém no caos, assim como a leitura que não é mais feita no silêncio e na meditação<sup>255</sup> e sim nas propostas tentadoras das outras janelas da internet.

## **5. Considerações finais**

O estudo se mostra importante em função de os poemas terem sido escritos tendo como pano de fundo atos políticos recentes que revelam as insatisfações de uma sociedade permeada por uma série de contradições em sua formação, fruto da desigualdade. É uma crise cognitiva, tal como cita o deputado estadual Marcelo Freixo, que longe está de chegar ao fim, como aponta o sociólogo Manuel Castells.

O que se evidencia nos poemas é que a facilitação existente na pós-modernidade para o acesso à informação modifica o modo de leitura, mas também o modo de escrita dos autores, que fazem as colagens textuais, reunindo lembranças a músicas, a frases políticas e a outros contextos históricos. A veiculação dessa antologia de poemas no calor dos protestos serviu como espelho para as manifestações que ocorriam nas ruas de todo o país.

---

<sup>255</sup> Antonio Candido diz que “a poesia pura do nosso tempo esqueceu o auditor e visa principalmente a um leitor atento e reflexivo, capaz de viver no silêncio e na meditação o sentido do seu canto mudo”. (1985, p. 33). Mas será que o leitor continua a ler deste modo? É preciso esse modelo de leitura?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- CANDIDO, A. A literatura e a vida social In: \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1985.
- CASTEL, R. A nova questão social. In: *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. 9 ed. Trad.: Iracy D. Polleti. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 495-591.
- CASTELLS, M. *Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- \_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://www.acessepiaui.com.br/vc-no-acesse/soci-logo-manuel-castells-analisa-protestos/23162.html>>. Acesso em: ago.2013.
- FREITAS, G; SPREIER, P. Ação e invenção. *O Globo* (Caderno Prosa e Verso), Rio de Janeiro, 27 de julho. 2013.
- FREIXO, M; SOARES, L. E. Brasil hoje: A atualidade da banalidade do mal. Rio de Janeiro: Estação Rio 2, 30 de julho de 2013. Palestra
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2010.
- HUTCHEON, L. *Poética do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1988.
- LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Edição 34, 1996.
- LYOTARD, J. F. *O Pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1988.
- LYRA, P. O lugar da poesia. *Jornal Rascunho*, n. 97. Curitiba, mai.2008.
- MELO NETO, J. C. Da função moderna da poesia. In: \_\_\_\_\_. *Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 97-101. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/97548704/Da-funcao-moderna-da-poesia-Joao-Cabral-de-Melo-Neto>>. Acesso em: janeiro de 2014.
- OBRA COLETIVA. *Vinagre: uma antologia de poetas neobarracos*. Disponível em: <[https://www.mediafire.com/view/8xo1155vho004ir/VINAGRE\\_UMA\\_ANTOLOGIA\\_DE\\_POETAS\\_NEOBARRACOS\\_junho2013.pdf](https://www.mediafire.com/view/8xo1155vho004ir/VINAGRE_UMA_ANTOLOGIA_DE_POETAS_NEOBARRACOS_junho2013.pdf)>. Acesso em: ago.2013.